

Gabriel Marcel: A Filosofia da Existência como Neo-Socratismo

Gabriel Marcel: Philosophy of Existence as Neosocratism

Paulo de Tarso GOMES
UNISAL

Resumo

O artigo expõe as considerações sobre a situação humana de itinerância, do *homo viator*, segundo a concepção de Gabriel Marcel com o escopo de demonstrar sua aproximação ao humanismo socrático. O *homo viator*, que se realiza pela peregrinação e despojamento não encontra na razão a segurança das certezas que nossa era consagrou na previsibilidade das realizações da tecnologia, e no universo do ter. A recusa pelo ter e a opção pela itinerância caracteriza a decisão pela liberdade do não saber, e de poder escolher uma direção. O homem peregrino é o que percorre um caminho para se transformar, para ser. Neste sentido, Marcel assinala a insuficiência dos sistemas filosóficos que tendem a compreender a situação do humano em modelos fechados. Ao contrário, apela o autor para o sentido do mistério, como metaproblema, para acercar-se do humano que transcende a razão e o absurdo, e é fiel ao seu caminhar, tal como é concebido no humanismo socrático e neo-socrático.

Palavras-chave: itinerância – mistério – humanismo socrático.

Abstract

This article offers some considerations on the human condition of itinerancy, of the *homo viator*, according to Gabriel Marcel's conception, with the task of demonstrating its resemblance with Socratic humanism. *Homo viator*, which realizes himself through pilgrimage and dispossession, does not find in reason the safety that our time has consecrated by means of predictability in technology deeds and in possessing sphere. The refusal to possessing and the option for itinerancy characterizes the decision for freedom provided by ignorance, and the possibility of choosing a direction. The pilgrim man is the one which crosses a distance in order to change himself, to being. In this sense, Marcel points out the insufficiency of philosophical systems that tend to understand human situation within closed models. On the contrary, the author appeals to meaning of mystery, as a metaproblem, in order to approach the human being who transcends both reason and absurd, and who is faithful in his course, as he is conceived in Socratic and neo-Socratic humanism.

Key-words: itinerancy – mystery – Socratic humanism.

1. A Situação Humana de Itinerância

É recorrente o uso da metáfora da edificação para explicar um sistema filosófico. Dizemos se seus

fundamentos são sólidos para alicerçar as conclusões do pensador, falamos da altura ou da extensão de seu sistema e assim seguimos pelo caminho dessa metáfora da construção.

Pela singularidade de seu pensamento, Gabriel Marcel seria, nessa metáfora, o filósofo sem-teto. Na ausência de um sistema que possa lhe servir de moradia, o encontramos primeiro como um andarilho e depois como um peregrino. É uma filosofia que se recusa a descansar num abrigo definitivo sem, contudo, converter-se em filosofia do desamparo.

A princípio, não se conta com uma novidade de problemas, uma vez que filosofia da existência de Marcel se propõe como uma filosofia do *ser*. Evoca, desse modo, o conhecido problema metafísico, entretanto, essa indagação principia como oposição radical ao *ter*. A negação do *ter* traz por conseqüência metodológica a negação primeira em *ter* uma resposta ao problema fundamental da filosofia essencialista. A ausência de novidade na posição do problema se reverte em novidade de método e de postura ante a solução.

Em sua perspectiva ante o problema do ser, expressa o caráter negativo, característico do existencialismo, pela negação do *ter* uma resposta e, de modo amplo, *ter* um sistema de filosofia. Ainda que a filosofia seja mediada pelas palavras, seu discurso não fará das palavras o caminho de posse de conceitos e idéias, senão o recurso da linguagem para expressar o que o andarilho vê pelo caminho, pelo qual passa, no qual não se detém e nem pode ser detido.

De outra parte, não avança esse caráter negativo rumo a um mergulho em nada, fugindo do caminho mais linear em que a recusa de resposta ao problema metafísico lança o filósofo, entre a rebeldia e a necessidade, a uma forma de nihilismo. O despojamento do andarilho não é uma *atitude*, mas uma condição, ou, numa palavra mais próxima, uma *situação*. Diríamos, em contrário a essa expectativa pelo *nada* que a situação do andarilho traduz, que Marcel faz da negação do *ter* uma *abertura* ao problema do *ser*. Na busca do que seria uma posse legítima e fiel à existência, é preciso admitir que tudo o que a

pessoa tem é o itinerário de *ser*, essa itinerância é a *única posse e única propriedade concreta do humano*.

A pessoa itinerante, o *homo viator*, o andarilho e o peregrino não podem ter muitas coisas, pois sua posse primeira e verdadeira leva à situação de despojamento e, em conseqüência, à dura crítica do *ter* como fonte de sentido e definição do humano. Nenhuma posse ou objeto podem fazer desse andarilho mais do que faz por ele sua itinerância. Detido pelos objetos, retido pelas posses, ele se trai. Define-se e, ao aceitar o auto-engano de *uma* definição, se torna inautêntico, pois como se pode ainda dizer viandante se não percorre mais itinerário algum?

2. Longe do abrigo da razão

Nem mesmo a posse da razão lhe pode servir de abrigo. O despojamento necessário ao andarilho o obriga, desde o início, a abrir mão da racionalidade que institui a segurança. O apetite da razão é pelo gozo da previsão acertada. O encanto da racionalidade está em sua capacidade de criar mundos futuros e imaginários, de criar a imagem de um caminho que conduzirá o andarilho a esses futuros. Ceder a esse encanto implica aceitar a estratégia subreptícia de submissão à razão, em que o andarilho se torna objeto do mapa, do plano de viagem, da segurança da previsibilidade de seus passos. Nada há que temer, pois tudo está previsto. A itinerância se torna objeto do plano estabelecido, a razão se entretém em discutir os mil caminhos possíveis e os outros impossíveis que também seriam interessantes. Discorre sobre o mar de possibilidades, refuta os caminhos da inviabilidade e com isso faz o andarilho parar, se deter, preocupar-se em saber se está preparado, se sabe aonde ir, se conhece de onde vem, se consultou os que já passaram para saber dos percalços. Prudência é o que pede a razão, fazendo o andarilho esperar que ela verifique todas as possibilidades.

O abrigo da razão se converte em um cárcere. Ela detém o andarilho, pois o encerra no labirinto das idéias e das palavras seguras, dos princípios metodológicos que permitem elaborar conhecimentos verificáveis que culminam em teorias de certezas. A segurança proporcionada pelo mundo das certezas é paga com a impossibilidade da itinerância, pois sob o abrigo das teorias, não há mais lugar a que se deva ou se queira ir: para que arriscar-se se há aqui um mundo de certezas imaginadas?

A paz proposta pela previsão da racionalidade é a morte. Abrir mão do *ter* certeza é o passo mais caro a quem se propõe ser andarilho. Porque é sempre possível abrir mão das posses, dos bens, da família, de tudo, se *em troca*, a pessoa *tem* uma certeza. Contudo, essa certeza, longe de ser liberdade, é também servidão.

3. A previsibilidade e o conforto tecnológico como cárcere

A expressão concreta da servidão proposta pela racionalidade se consuma na tecnologia, a artificialidade do mundo técnico se manifesta de tal modo que é impossível ao andarilho caminhar. Não basta imaginar o mundo seguro e previsível pela razão, há que ocorrer, em seqüência, um *fazer* que seja provedor desse mundo previsível. É quase inevitável que o mundo das certezas queira se encarnar como tecnologia. E o que a tecnologia deve prover é a imediatez e a previsibilidade de suas realizações. Onde quer que vá, tudo sempre está previsto, tudo é sempre o mesmo, sempre se está seguro. O interruptor de luz sempre estará à direita de quem entra. A sagrada ordem dos pedais dos veículos. A perfeita repetição dos rituais mecânicos e eletrônicos que cercam a vida urbana. A presteza da tecnologia nega o itinerário e, ao fazê-lo, aniquila a itinerância, a característica da subjetividade humana.

Para que a previsão seja acertada e o serviço seja perfeito, é preciso que todas as pessoas sejam iguais, a maior igualdade possível, o sonho da técnica é o fim das ciências humanas, não porque se encontre para elas uma metodologia, mas porque se converta o humano num fenômeno perfeitamente regular e previsível. É o paradoxo da consciência infeliz: antes incapaz de se conhecer, ela agora sabe tudo, possui o detalhado mapa de seus objetos, todos previsíveis, pois ela finge se conhecer imaginando-se como esse mapa. Tornou-se o objeto perfeito da ciência e da técnica. Reduzido a objeto, o andarilho está morto.

Impossível a experiência válida, quando dela já sabemos de antemão o resultado. Mesmo que ela aconteça, será mera repetição. Será a mimese inútil da qual se espera o sempre mesmo. Numa situação assim dada, apenas o tédio se apresenta. É essa a condenação a que está sujeita a pessoa no mundo da razão, da ciência e da técnica: ao tédio da previsibilidade e da segurança. Mas do que um apego à posse deste ou daquele objeto, o *ter* se converte em processo de continua objetivação do humano. Retido num mundo previsível e ordenado, em que também a felicidade é um objeto.

4. A situação de liberdade e o mistério de ser

A recusa radical do *ter* implica, assim, em abrir mão da certeza e abraçar a itinerância, a liberdade do não saber. Contudo, Marcel nos surpreende novamente, ao mover-se do andarilho ao peregrino. A liberdade do andarilho, em si mesma, ainda é um *ter*. Afirmar a liberdade em si como um valor é reduzi-la à posse da liberdade. *Ter liberdade é diferente do ser livre*. Ter liberdade é uma situação que se satisfaz com o andar a esmo, com o vagar por aí, para cá, para lá e para cá novamente. Aos poucos, o andarilho se converte em vagabundo e eis que o vagabundo é

também alguém apegado à previsibilidade do seu não-fazer, do seu ócio sem propósito, do seu tédio.

A itinerância que primeiro se expressa no andarilho encontra seu termo no peregrino. Ser livre é *escolher uma direção*. A itinerância é apenas um andar mecânico se não encontra seu complemento na *esperança*.

Fundada na completa incerteza, a esperança nunca é uma posse. Ainda que a língua erre e diga que a pessoa *tem esperança*, a esperança é um modo de *ser*, porque ela é a certeza negativa, a certeza do que não se *é*, ainda. O homem peregrino de Marcel é, assim, a pessoa que percorre um caminho para *se transformar*, para *ser*. O sentido da peregrinação é que, em seu término, algo se acrescentou ao *ser* ao longo do caminho, essa é a esperança e a fé do peregrino.

Inevitável, portanto, a crescente aproximação religiosa da filosofia da existência de Marcel. A existência é um peregrinar. Um movimento orientado por um propósito, de tal modo que a todo momento, há uma comunhão entre movimento e propósito. Não se pode recorrer ao suplemento da tecnologia ou à análise da razão para prever ou amenizar a incerteza desse movimento, porque esse recurso seria uma trapaça, uma inautenticidade, uma traição definitiva ao humano. O propósito se converteria em certeza, a certeza faria da peregrinação um plano, o plano solicitaria o recurso facilitador da técnica e eis o peregrino aprisionado.

A situação do humano é mais ampla e aberta que o fechamento dos sistemas filosóficos e científicos. Estes, apegados ao desejo de previsibilidade, encerram o humano e não o deixam mover-se. Por outro lado, a pergunta "Que é o Ser?" abre-se para o movimento, para o incerto, para a ausência de certeza, para o mistério.

Por esse motivo, o problema metafísico não é um problema concebível pela lógica, pois é um problema além da lógica, um metaproblema. Metaproblema, pois envolve o mistério da origem da pergunta, da origem de todas as perguntas, que é a

subjetividade insistente pelas incertezas de quem as faz.

Marcel se define como neo-socrático, porém, escapa ao senso comum da filosofia a sua leitura de Sócrates. O "só sei que nada sei" socrático, é visto mais como o passo da ironia do que como situação, pela maioria dos estudiosos da filosofia. Contudo, o olhar de Marcel recai sobre a sinceridade dessa frase. Se nada sei, o ser está envolto em mistério. Não temos respostas.

Há que se perguntar como seria possível abraçar Sócrates e rejeitar Platão, como o faz Marcel. É preciso lembrar que enquanto Platão, pensador, indagava as idéias, Sócrates, peregrino, indagava os homens. Ser socrático é ser fiel ao humano, em detrimento mesmo das idéias, se isso for preciso. Se tudo o que conhecemos é "em espelho e enigma", melhor contemplar o enigma do que trai-lo ao tentar desvendá-lo pela racionalidade discriminativa.

O sentido do mistério, do segredo, do respeito ao oráculo de Delfos estava presente naquele momento fundante que a filosofia encontrou em Sócrates. Marcel a ele retorna, sob a ordem do conhecer a si mesmo na situação do mistério, sob pena de ora ser dado como incompreensível, ora meloso, ora beato, ora inconseqüente. A única coerência de seu pensamento parece ser a imprevisibilidade de seus movimentos e de seus engajamentos. Pois o mistério, antes de ser um enigma epistemológico, é um enigma humano, pois ao ser posto, suscita a situação com a qual o humano está comprometido e que, ainda assim, preserva algo de externo ao humano. O mistério seria a questão que nos lança no mundo, a que nos chama a *ser*.

5. Mistério de ser e seu lugar no existencialismo

Considerado precursor de Sartre e do existencialismo francês, Marcel, como os demais existencialistas, sempre teve uma atitude ambígua ante o termo *existencialismo* e sobre o ramo que lhe foi atribuído, de *existencialista cristão*.

Seu lugar original na discussão filosófica da existência se faz notar tanto pela própria posição do problema, desde o *Jornal Metafísico*, como pelo recurso à arte, notadamente o teatro e a literatura, recurso que seria repetido e aprimorado pelos existencialistas franceses.

Prefere-se neo-socrático a existencialista. Entretanto, num dado momento, aceita a expressão existencialismo cristão (Marcel, 1947), para depois a recusá-la definitivamente (Ricoeur, 1968). Sua perspectiva humanista não toma Cristo como exemplo, mas Sócrates. Contudo, há também uma perspectiva religiosa em seu pensamento, que o aproxima de Kierkegaard, indicando tratar-se ao menos de um cristão existencialista, se o termo existencialismo, como Sartre também afirmou, não estivesse tão desgastado. O mesmo Sartre o definiu como existencialista cristão, ao lado de Jaspers (Sartre, 1962), porém a despeito da boa companhia, Marcel não aceita a divisão do existencialismo, ou mesmo o existencialismo como um nome adequado ao seu pensamento. A existência ainda precede a essência, o peregrino precede seu propósito. Só ao fim de seus passos saberemos onde ele queria chegar. Não se trata da filosofia, trata-se do humano. Daí perfilar-se, para além da classificação, aos chamados existencialistas, pois todos se entendem, radicalmente, humanistas.

Há que se colocar, porém, a questão desse existencialismo cristão como um humanismo. Herdeiro do proto-existencialismo de Kierkegaard, a questão filosófica se superpõe à religiosa. Ora, em todo encontro entre filosofia e religião, a questão que se propõe é a da revelação. Se há algo que nos motiva a ir além da razão, a pensar a transcendência como um tema de fé a ponto de provocar a proposição religiosa, é preciso também admitir que esse tema de fé se apresenta, de algum modo, à consciência. Por isso, o tema da fé é sempre acompanhado do tema da revelação ou, ao menos, da contemplação. Em ambos os casos, a convergência entre filosofia e religião implica

em, de algum modo, encontrar o lugar filosófico do mistério.

A questão cristã, dita em termos filosóficos, deveria ser posta nos seguintes termos: em que o mistério de Cristo se assemelha ao mistério do *ser*? Para enfrentá-la nesses termos, pouco nos auxilia o dogma cristão e, mesmo, a revelação. Pois o dogma e o conteúdo da revelação são legitimados, originariamente, pelo percurso de vida de Cristo. E o que se encontra no exame desse percurso é um Cristo peregrino, modelo do andarilho com um propósito, cujo termo último é sempre o humano. É o que toca Kierkegaard e o que toca Marcel. Enquanto os outros existencialismos se ocupam de Deus, como arcano maior do idealismo a ser combatido, os cristãos existencialistas começam a encontrar o homem em Cristo. A heresia desses existencialistas é prescindir – tácita ou explicitamente - da divindade do Nazareno e olhá-lo como profunda humanidade. Nesse sentido, há neles ainda a atitude atéia, não como ânsia de provar que não exista Deus, mas numa espécie de silêncio contemplativo em que Deus não importa, importa o homem, ainda quando se trata de Cristo.

Para Marcel, trata-se do homem que faz seu percurso e espera os demais. A atitude paradigmática do amor. Torna-se assim, o mestre da intersubjetividade, que se expressa como ágape e fraternidade. O caminhar não se faz, de modo algum, na solidão. A peregrinação, ainda que solitária, é uma espera também pelos outros.

Há aqui uma convergência, algo inesperada, com o Sartre de “O existencialismo é um humanismo”. Parece ser nota comum entre os existencialistas o esforço em negar que sejam pessimistas ou niilistas. Sartre não foi exceção. Para ele, o existencialismo trazia por consequência a responsabilidade por si mesmo e pelos outros. Mesmo a sentença “o inferno é outro” é dita nesse sentido: o covarde que não se responsabiliza sequer por si mesmo encontra na presença do outro seu inferno. Assim é em *Entre quatro paredes*.

Se a responsabilidade existencial se identifica com o amor cristão, se ambos são anti-metafísicos o suficiente para criticar o Deus metafísico e as construções sistemáticas em torno dele, em que momento se dá a diferença?

O ateísmo sartreano, mais que uma prova da não-existência de Deus, é uma atitude diante da motivação do existir: Deus não faz diferença. Existir é uma tarefa própria e exclusiva do humano, a liberdade funda a subjetividade e, uma vez livre, Deus não importa mais à pessoa. Nada mais acrescenta, pois é o homem que existe, que faz seu percurso. Nada há que se fazer com a fé.

A aproximação entre o ser cristão e a filosofia da existência em Marcel toma o problema por outro enfoque: a contemplação e a esperança são atitudes religiosas. O mistério de ser exige o recurso a essas atitudes. O sentido da fé é mais histórico e menos metafísico. A fé vem do exemplo dos peregrinos que tiveram esperança. Por isso se diz a fé de Abraão e assim se dirá a fé e, mais precisamente, a esperança de Cristo. O ser se revela na peregrinação, é assim que se abre o mistério aos nossos olhos.

Ante o Nada que se apresenta à pergunta “Que é o Ser?”, Marcel vê o mistério e Sartre vê o abismo. Ambos evocam o estado de suspensão previsto por Heidegger ante a pergunta metafísica. No cerne de quem enuncia a questão, permanece a angústia. Não se trata da verdade do existencialismo, trata-se da experiência existencial.

Quanto à sua posição em relação a Heidegger, em entrevista a Ricoeur, Marcel afirma:

- Heidegger é um grego!

Em seguida, Ricoeur lhe faz uma observação sutil: as diferenças entre Heidegger e Marcel não são tão extensas, pois se trata de uma única diferença, quanto ao jogo de metáforas a que cada um deles recorre. Se, por um lado, Heidegger se vale das metáforas gregas, Marcel recorre às metáforas bíblicas (Ricoeur, 1968, p. 92).

As notáveis diferenças entre as considerações da filosofia clássica grega, reiteradamente voltada a uma indagação sobre um sujeito individual e a busca de sua alma por meio de um exercício racional-contemplativo, e da sabedoria bíblica judaica, que se vê como jornada histórica em que um sujeito coletivo – e peregrino – se move sobre a terra fundado na aliança – e esperança – em Deus, encontram no cristianismo um esboço de síntese e paradoxo. Se há o aspecto pessoal, pois o peregrino anda por suas próprias pernas, sua esperança é alimentada pelos companheiros de caminho, a romaria e enfim, o povo. Sua identidade não pode se resolver numa identidade coletiva de povo, como na visão bíblica do antigo testamento, pois havia uma decisão pessoal a tomar, a respeito de ser responsável por si mesmo. É o problema do primeiro passo, do juntar-se aos demais, como Kierkegaard examinou: o momento de suspense e desespero vivido por Abraão.

O estado de suspensão que se dá até que se escolha novamente a esperança não é, de modo algum, coletivo. É o momento do *ser*. Como se diz na mística: a noite escura da alma. No dizer dos gregos: a contemplação caos e sua indeterminação, cuja contemplação deve nos motivar à busca do cosmos e da harmonia, pela indagação filosófica.

Tanto pelas metáforas gregas como pelas bíblicas, chegamos à virtude a ser praticada pelo peregrino, como prática da esperança, que é a fidelidade. A fidelidade socrática consistia em conhecer a verdade para colocá-la em prática. A defesa de Sócrates se consuma em não fugir da morte, mesmo que ela surja por um ato bastante covarde de outrem. Fidelidade semelhante se encontra em Abraão, em sua questão com Isaac, e finalmente, em Cristo, que ante a morte não clama pela justiça, mas pela esperança de ainda levar o companheiro de morte consigo.

Enquanto a razão tem a expectativa de que o percurso da vida faça sentido e antevê em cada passo o sentido possível, frustrando-se quando o mesmo

não se manifesta, a fidelidade faz com que se passe adiante no caminho, mesmo quando o que se encontra no percurso é o absurdo. Esperar contra toda esperança significa não contar com o sentido previsto pela razão e prosseguir a despeito do que o sentido da razão considera *adverso*.

Temos assim, em Marcel, também a possibilidade de uma filosofia do absurdo, como consequência do princípio de que a existência precede a essência. Enquanto as demais formas de filosofia religiosa, também as cristãs, se escandalizam com a afirmação do absurdo; enquanto o irracionalismo religioso se abraça ao absurdo como uma espécie de certeza da fé, a filosofia da existência de Marcel encontra no absurdo um ponto de sanidade e equilíbrio.

Nem a paranóia do mundo imaginado da razão; nem o auto-engano da posse da verdade de que "tudo é absurdo e devo crer no que é absurdo". Os paradoxos de absurdo que se encontram na jornada do peregrino apenas o advertem para não se apegar à razão. A imprevisibilidade é a situação do peregrino. Ela se confirma na manifestação do absurdo. O auto-engano de crer no que é absurdo ou de crer porque há o absurdo é negar que haja a possibilidade de uma *escolha* em caminhar, é reduzir o humano a objeto do absurdo.

O humano transcende a razão e o absurdo. Defronta-se com o sentido e com a ausência dele fiel ao seu caminho, de viver e revelar-se na vida, com mistério de ser. Esse equilíbrio entre razão e absurdo se distancia da virtude como meio-termo, proposta por Aristóteles e entendida pelos estoicos como imperturbabilidade. O peregrino de Marcel não é praticante da ataraxia estoica. A imperturbabilidade ainda é um refúgio na essência. Ante o imprevisto,

buscar um abrigo dentro de si mesmo e refugiar-se numa atitude filosófica.

A esperança é uma disponibilidade que se desdobra em esperar pelos outros e esperar pela vida. O recolhimento interior do peregrino não é o quietismo criticado por Sartre, nem imperturbabilidade: ele é o silêncio necessário para *ouvir* a revelação do mistério de *ser*, em cada passo de jornada. Para isso, é preciso olhar a paisagem, tropeçar nas pedras e sentir essa dor, ver quem necessita de apoio ao lado, ou seja, *viver o caminho*. O silêncio e o recolhimento não são, deste modo, os fins últimos da existência, mas meios para o peregrino manter sua atenção em si mesmo enquanto caminha, ou seja, parte da prática da fidelidade.

A fidelidade ao humano é em Marcel a marca de sua filosofia da existência, tal como era já em Sócrates. Também o neo-socratismo finda por ser um humanismo.

Referências

MARCEL, Gabriel. *Du refus a l'invocation*. Paris: Gallimard, 1940.

_____. *Homo viator: prolegomenes a une metaphysique de l'esperance*. Paris: Aubier-Montaigne, 1963.

_____. *L'homme problematique*. Paris: Aubier-Montaigne, 1968.

MARCEL, Gabriel et al. *Existencialisme chrétien*. Paris: Plon, 1947.

RICOEUR, P. *Entretiens – Paul Ricoeur et Gabriel Marcel*. Paris: Aubier-Montaigne, 1968.

SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Porto: Presença, 1962.

